

É entre o psíquico e o somático, recorrendo à imagem de um limite ou fronteira, que Freud, em 1915, vai localizar a pulsão. Com este gesto ousado, instala a Psicanálise num terreno que desde o surgimento dos saberes humanos sempre despertou o interesse e a ambição de diversos campos do conhecimento. Entre o corpo e o psiquismo há uma região que constantemente é objeto de disputas palmo a palmo, de escaramuças entre os saberes que reivindicam sobre ela sua soberania. Para a Psicanálise, entretanto, a fronteira entre o psíquico e o somático, ao invés de constituir-se como linha divisória - ora mais para cá, ora mais para lá - entre territórios distintos, deixa entrever cada vez mais sua natureza de interface, região de trânsito, movimento contínuo, articulação e transformação.

A fronteira, zona de passagem e de múltiplas possibilidades, é a figura que, 80 anos após ter ocorrido a Freud, mais uma vez se insinua ao pensamento permeando a leitura deste livro. E a ela se acrescenta o estrangeiro, o psicanalista que, movido ele mesmo por sua pulsão de saber, com ou sem visto no passaporte, se dispõe (ou se atreve) a atravessá-la.

Já na apresentação do texto, os autores expressam tal disposição. É o desejo de ir além, de "continuar elaborando uma ancoragem teórica mais resistente, embora provisória, em torno do conceito de pulsão", que motiva o trabalho iniciado a partir de um seminário do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e aprofundado, nos anos subsequentes, por Alcimar Souza Lima, Cleusa Pavan, Suzana Pacheco e Marta Palhares. A desejada ancoragem teórica

Um universo em expansão...

Resenha de Alcimar Alves de Souza Lima, com a colaboração de Cleusa Pavan, Suzana Pacheco e Marta Palhares, Pulsão - uma Orquestração Psicanalítica no Compasso entre o Corpo e o Objeto, Petrópolis, Vozes, 1995, no prelo.

encontra na clínica um terreno essencial e propício. Suas lacunas, imprecisões, e também suas surpresas, funcionam como sinalizadores, indicando direções a imprimir ao pensamento. Assim, a cada capítulo, deparamo-nos com esse movimento de ir além, de atravessar, atestando a presença, na própria produção do texto, daquilo mesmo que se pretende elaborar: as possibilidades de rupturas e rearranjos de posições e lugares, como trabalho da pulsão de morte enquanto potência diferenciadora e produtiva.

A narrativa de dois casos clínicos, seus impasses e superações, permite que desde os primeiros capítulos já se possam apontar diversas passagens/travessias. No caso Sílvia, particularmente, a escuta analítica está colocada muito além das margens protetoras do *setting* convencional. Estrangeiro no contexto hospitalar, o analista encontra a paciente, a mãe, a equipe e ouve suas falas. São falas de diferentes origens, que atravessam, na paciente e na mãe, as fronteiras das gerações e, na equipe, as fronteiras das

práticas. Destes contatos, emerge a configuração em que se torna visível o lugar ocupado pela paciente. Nele, o corte cirúrgico, tomado na cadeia simbólica, assinala-lhe um lugar na morte. Cabe ao analista favorecer a ruptura desta posição, o que só é possível quando, por sua vez, ele rompe com o lugar de impotência fortemente assinalado na transferência. O corte passa a ser diferencia-dor/propiciador, pela resignificação imediata de um ato que, inscrito no desejo da mãe como desistência, torna-se, no registro que lhe confere o analista, afirmação da vida. O ato/morte torna-se ato/nascimento.

No caso José, por outro lado, o corpo, afetado pela

neoplasia, está tomado no real, ou seja, em sua materialidade orgânica, suporta as manifestações daquilo que, da história do paciente, não foi incluído na cadeia simbólica, no representacional. O tumor aparece como proliferação desordenada do que não recebeu sentido, no caso, o feto, enquanto diferença, possibilidades de encontro, junção e produção. Mostrar o buraco resultante de sua remoção é um ato de demanda de sentido que encontra no olhar surpreso do analista uma possibilidade inaugural. Trata-se, a partir daí, de construir as passagens do corpo ao psíquico, para que a complexidade associativa, possibilitadora de deslizamentos e metáforas, arranjos e rearranjos, venha a substituir a complexidade desenfreada da neoplasia.

Em ambos os relatos há o corte no corpo, que assinala a repetição e a morte, e o ato/acometimento em que o real rompe, suspendendo por um momento as articulações da realidade. Há ainda, nos dois casos, o corte em ato/olhar do analista que, incluído no acontecimento, interrompe o circuito da repetição e relança as possibilidades e a vida.

O terceiro capítulo é dedicado a um acompanhamento rigoroso do percurso de Freud ao longo do desenvolvimento e das sucessivas modificações da teoria das pulsões. A dualidade pulsão de vida/pulsão de morte é abordada numa correspondência termo a termo; a primeira com a repetição do criado, visando à ligação para compor complexidades cada vez mais exten-

sas e a segunda com a compulsão à repetição, que visa retornar ao estado anterior, à redução a unidades não ligadas. A mesclagem das pulsões, movimento contínuo e essencial à manutenção da vida e à movimentação do aparelho psíquico, recebe ênfase especial, buscando desfazer um certo imaginário que atribui valor positivo à pulsão de vida e negativo à pulsão de morte. Já se articula nessa leitura um caráter **criador** da pulsão de morte, que "produzindo um corte sobre organizações e sistemas já estabelecidos, possibilita, com isso, o aparecimento do novo".

A pulsão enquanto conceito-arco, vista como "um através, um percurso que vai ligar dois campos, o real do corpo e o objeto", é tema de uma reflexão mais aprofundada. Entre a fonte (corpo) e o objeto (psíquico) há o extravio, a perda, e o anseio do reencontro/repetição que será o motor da busca transferencial. Vida e morte estão presentes nas duas faces da transferência. "A cristalização do clichê é fruto da atuação da pulsão de morte, mas a emergência do clichê está a serviço de Eros". A transferência, enquanto campo em que se instala o interjogo pulsional, possibilita "romper com a potência que a pulsão de morte exerce em direção à cristalização e viabilizar a emergência de outras articulações desta fantasia com o conjunto da vida psíquica". A pulsão e sua manifesta-

ção na transferência estão assim na fronteira, não como linhas divisórias mas como meios de transporte, de passagem entre o somático e o psíquico.

A leitura deste capítulo retroage sobre os anteriores dando impulso ao texto. É possível apreendê-lo como um momento importante, de alicerçamento e articulação do livro. Plantando os pés firmemente em terreno freudiano, os autores preparam mais uma travessia, uma passagem que lhes permitirá formular nos capítulos seguintes suas contribuições originais.

"Acreditamos que a psicanálise se desenvolve criando o seu próprio campo, abrindo-se para outros campos, com 'retornos' possibilitadores de reposicionamentos em seu próprio campo". Com esta frase se expressa o espírito das articulações desenvolvidas no quarto capítulo. Recorrendo aos avanços con-

temporâneos da Física, da Química e da Biologia, os autores fundamentam e enriquecem sua leitura do inorgânico em Freud e da pulsão de morte como potência produtiva. Neste movimento atualizam um recurso metodológico ao qual Freud usualmente recorria, não para submeter a Psicanálise à estrutura teórica desta ou daquela ciência, mas para daí derivar conceitos e articulações úteis à própria teorização psicanalítica. Esta possibilidade metodológica é preconizada por muitos filósofos da ciência na atualidade, destacando-se entre eles Edgar Morin.

As descobertas que vêm reposicionando as ciências são dadas a conhecer através de alguns de seus expoentes. Ilya Prigogine, com sua termodinâmica dos processos dissipativos, coloca em questão a termodinâmica li-near e a reversibilidade dos processos. Henri Atlan e Von Foerster convergem nas concepções de Acaso Organizador e de Ordem a partir do Caos, que põe em causa a noção de repouso absoluto. O Princípio de Incerteza, proposto por Heisenberg, também atinge a idéia de repouso de um sistema, bem como o universo em expansão, que é teorizado por Hubble, se contrapõe à concepção de um universo relojoeiro, organizado em torno de um centro.

Derivadas para a teorização e a prática do psicanalista, estas formulações recentes servem como instrumento do pensamento e de produção de metáforas. Assim, é possível retomar a pulsão de morte, não no sentido de um retorno ao inorgânico ou repouso absoluto, mas como uma volta ao caos, à desordem primordial, matriz de novas produções. O campo do inorgânico é intensamente energético e, como na física molecular, os cortes, ou a "regressão" à partícula liberam energia, provocam expansão e promovem novas organizações.

A sessão analítica e a transferência, por sua vez, podem ser tomadas como campo em que se atualizam as marcas tanto da vida individual quanto das gerações ancestrais, como um "ruído de fundo". O Édipo de cada um seria o organizador das posições e lugares do analisante, um organizador com as marcas da sua história. A atualização na transferência possibilitaria a mudança destas posições e lugares, podendo alterar tal organização para além de sua repetição diferencial.

Matéria e energia têm suas especificidades e em relação a ambas é possível ainda articular as noções de pulsão de vida e pulsão de morte, de modo a pensar a primeira como potência indiferenciadora organização/complexão e a segunda como potência diferenciadora ação/redução.

O quinto capítulo propõe uma abordagem psicanalítica do campo psicossomático, entendido como "campo de intersecção de duas ordens

diferenciadas de transmissão: a genético-cromossômica e a edípica, que vão se intercambiar sem que qualquer delas perca sua especificidade". As duas esferas são concebidas como sendo de constituição e funcionamento análogos, conforme as leis da linguagem. Esta é entendida como circuito aberto em que novas representações podem ser produzidas para dar conta de acontecimentos até aí não representados. O intercâmbio entre os dois campos de transmissão é pensado na esteira da concepção freudiana de série complementar, a partir da qual uma infinidade de possibilidades combinatórias pode ser produzida. Cada ser humano se subjetiva como herdeiro dessas configurações, ao mesmo tempo que pode ser instituinte de transformações (o circuito é aberto). Em cada campo há, ainda, a possibilidade de desordens que podem interferir na transmissão, ocasionando desarticulações tanto na vertente genético-cromossômica quanto na das posições e lugares regidos pelo Édipo.

Para os autores, a afecção psicossomática é resultado de um mecanismo específico que denominam Repulsa da Castração. A ma-

nifestação psicossomática não é da ordem de um retorno do recalado, mas da ordem de uma ausência de simbolização das diferenças que constituem as subjetividades. Esta ausência promove produções no real do corpo. Através de construções que funcionem como simbolizações secundárias, estas produções podem ser integradas gradualmente ao campo representacional e começar a ganhar significação, como ocorre no relato do segundo caso clínico. O ato/acontecimento marca a aparição súbita do que até então era objeto da repulsa. É ao mesmo tempo a constatação do não simbolizado, momento de sua inscrição e ponto de partida de uma construção na esfera psíquica. A partir de então "o simbólico funcionaria como freio à produção do real corporal".

Para concluir, os autores buscam enfatizar a importância clínica da categoria do acontecimento, enquanto momento privilegiado de aparição do real. Trata-se aí de um real concebido como o até então não representado, o resto, pensado a partir da concepção de um aparelho psíquico aberto, que pode produzir o novo além de articular as representações constituídas desde as primeiras relações de objeto. Nesta perspectiva, o trabalho analítico passa a ser o trabalho do potencial, do virtual, da abertura para aquilo que, a qualquer momento, pode atravessar a fronteira e engendrar novas complexidades.

Ao lado do acontecimento, é sugerido ainda o conceito de fractal, como recurso vindo da matemática, para ajudar a configurar a dimensão de real que está em jogo na história de

cada um, bem como no acontecimento. O fractal é um grupo de relações matemáticas que permite ter acesso às formas irregulares infinitamente complexas. Pode ser visualizado como "a rota para o caos", o efeito de reduções sucessivas que ainda assim conservam as informações básicas que permitem produzir as complexidades. Transposto para a esfera das vivências humanas, o fractal "seria a maneira econômica de armazenar a complexidade das nossas experiências e de nossos ancestrais que estariam em cena". O trabalho da transferência permitiria a apreensão destes "fractais" subjacentes às conformações subjetivas. O fractal é a organização básica, portadora das grandes complexidades que se articulam nas repetições, e apreendê-lo na transferência pode ter, segundo os autores, incidências práticas significativas, particularmente no que se refere à extensão temporal de uma análise.

Ultrapassando amplamente sua proposta inicial de uma elaboração teórica mais consistente em torno do conceito de pulsão, este livro nos defronta, do início ao fim, com múltiplas possibilidades de articulação da própria teoria psicanalítica. Desde que o analista se mantenha atento aos "cortes" que a clínica faz incidir sobre as complexidades de suas representações teóricas, é possível retornar a pontos virtuais de rearticulação em que se engendram novas leituras e produções. A cons-

trução do pensamento teórico-clínico reproduz assim, em seu trajeto, as vicissitudes da pulsão em busca de seu objeto. A interlocução com outros campos propicia aproximações disruptivas e inovadoras que possibilitam a reorganização de modelos e linguagens, num movimento fecundo que faz avançar o conhecimento. A escuta, o olhar, a construção, são recursos que, afinal, encontram-se na origem de muitos saberes e seria reducionismo tentar isolá-los completamente. Não parece absurdo imaginar, ao final desta leitura, que se lhes fosse dada a oportunidade, Freud, Prigogine e Morin certamente entabulariam uma longa e proveitosa conversa cujo espírito bem poderia ser o que se expressa na feliz produção deste livro.

Eliana Borges Pereira Leite é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professora titular do CEP de São José dos Campos, e mestranda em Psicologia Clínica da PUC - SP.